



Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

ESEG Investigação

N.º 2 | 2º Semestre | 2005

ESEG INVESTIGAÇÃO

**Revista Científica
da
Escola Superior de Educação da Guarda**

N.º 2 | 2º Semestre | 2005

ESEG Investigação
Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Coordenação Editorial
Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Coordenador Científico
Júlio Pinheiro

Comissão Científica
Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

Coordenação Gráfica
Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

Edição
Escola Superior de Educação da Guarda

Tipografia
Marques & Pereira (Guarda)

N.º de Exemplares
2000

1.ª Edição
N.º2|2º Semestre| 2005

ISSN
1646-1193

Depósito Legal
220917/04

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 * 6300-559 Guarda * Telefone: 271 220 135 * Fax: 271 222 325 * www.esc.epg.pt

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Este livro, no seu todo ou em parte, não pode ser reproduzido nem transmitido por qualquer forma ou processo - electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação - sem autorização prévia dos autores.

Teses de educação e ensino de Guilherme Braga da Cruz

J. Pinbaranda Gomes

7

Os Lusíadas como mensagem de esperança

Júlio Pinheiro

23

Oração sétima de Correia Garção: o emudecer das flautas no monte Mênalo

Mário Meleiro

41

O sonho das palavras

A construção de histórias para o universo das crianças

Rui Alexandre de Medeiros Prata

53

Educar e investigar para a sociedade cognitiva

Carlos Francisco de Sousa Reis

71

Cibercultura e cidadania

José Luís Lima Garcia

87

Comunicar em arte - aspectos de uma linguagem

Rosário Santana

97

A expressão artística na educação, um meio de comunicação

Helena Santana

111

A expressão dramática influencia a motivação para a leitura

Ricardo Antunes e Paula Monteiro

125

A (re)descoberta de uma nova compreensão da natureza e a questão do outro na educação para a paz

Urbana Maria Bolota Cordeiro

143

Publicações

157

A expressão dramática influencia a motivação para a leitura

Ricardo Antunes

Paula Monteiro

Introdução

No espaço do Jardim-de-infância, a Expressão Dramática é, tradicionalmente, sinónimo de divertimento para as crianças. Por isso, vamos tentar descobrir **Como é que a Expressão Dramática influencia a motivação para a Leitura**. Na prática, o tema sobre o qual procuramos investigar é aquele em que o educador deve criar actividades que ajudem a criança a encontrar um caminho motivador para a leitura. Escolhemos como ponto de partida a leitura de histórias do cantinho da leitura, construindo um caminho em direcção à Expressão Dramática. Assim, oferecemos à criança contacto com a dramatização, esperando, com esta actividade, levá-la a uma motivação para a leitura.

Vários autores têm analisado esta questão, chegando, normalmente, à conclusão de que a motivação para a leitura pode ser construída e consolidada através de actividades de dramatização. Mais do que renovar esta conclusão, o que propomos é uma análise concreta às actividades levadas a cabo no Jardim-de-Infância, de modo a verificar os índices de motivação associados a cada uma delas.

O projecto que se apresenta está dividido em duas partes:

- a) na primeira temos uma breve abordagem teórica sobre a importância das Orientações Curriculares na área da Expressões, Leitura e Escrita no Jardim-de-infância. Analisamos também a importância das Estratégias de Motivação para a Leitura, e, em particular, a Dramatização. Por fim, referiremos os objectivos da expressão dramática salientando a definição de Jogo Dramático e Jogo Elaborado, fazendo referência às várias formas de Expressão Dramática e o seu contributo na aprendizagem da leitura e no processo de desenvolvimento das crianças. Julgamos estes elementos de real importância, dado o papel fundamental que representam para a

evolução equilibrada da linguagem na criança, bem como para a evolução da criança como um todo harmonioso.

- b) na segunda parte deste estudo, referimos as actividades desenvolvidas, reflectindo sobre elas. Analisaremos ainda dados recolhidos através de questionários dirigidos aos Educadores de Infância e Encarregados de Educação.

O trabalho tem como objectivo demonstrar a importância da expressão dramática como fonte de animação para promover a motivação para a leitura.

Parte I

1. Orientações Curriculares

1.1. Orientações Curriculares na área das expressões, leitura e escrita, na educação pré-escolar.

Segundo os Princípios Gerais enunciados na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, este momento da Educação das crianças deve ter em vista a plena inserção das mesmas na sociedade como seres autónomos, livres e solidários. Além disso, na educação para a cidadania, é hoje aceite que o correcto conhecimento e uso da linguagem é um meio privilegiado para uma participação activa na vida das sociedades. Assim, o uso de actividades de Dramatização com crianças, além do contacto que promove com os textos, é um excelente meio para a construção do saber fazer, no jogo democrático da cidadania. De qualquer forma, as actividades a desenvolver com as crianças não devem menosprezar o carácter lúdico de que se revestem muitas aprendizagens.

Segundo o que podemos ler nas Orientações Curriculares, *o conhecimento e a relação com o mundo social e físico supõe formas de expressão e de comunicação que apelam para diferentes sistemas de representação simbólica* (DEB;1997:49). Entre eles, situa-se o mais importante para as aprendizagens: a linguagem verbal. Faz parte dos aspectos deste nível de ensino o domínio de diferentes formas de expressão. Para isso, há que *diversificar as situações e experiências de aprendizagens de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo*. (DEB; 1997:57). Podemos ainda, com

base nas Orientações Curriculares, afirmar que o domínio das diferentes formas de expressão (entre as quais se enquadra a expressão dramática) faz parte da dimensão educativa (DEB; 1997:59). A Expressão Dramática é vista, assim, como um meio de descoberta de si e do outro e, simultaneamente, como um meio de afirmação pessoal. O Jogo Dramático, nomeadamente com o uso de *dramatização de histórias conhecidas ou inventadas que constituem ocasiões de desenvolvimento de imaginação e de linguagem verbal e não verbal* (DEB;1997:60), pode também ser usado como meio de aproximação à escrita, logo, motivação para a leitura.

1.2. Leitura e escrita – sua importância no contexto educativo

Em relação ao que se encontra legislado nas Orientações Curriculares para a leitura e a escrita, podemos dizer que encontramos orientação para uma Prática Pedagógica dos Educadores: por um lado, *não se trata de uma introdução formal e “clássica” à leitura e escrita*. (DEB;1997:65). Isso é muito importante, tendo em conta o conceito de leitura aqui considerado; por outro lado, considera-se que *o contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro* (DEB; 1997:70), o que quer dizer que a relação que a criança vai estabelecer com este objecto se torna fundamental para os nossos objectivos; por último, *a oportunidade de “imitar” a escrita e a leitura da vida corrente pode fazer parte do material de faz conta, onde as crianças poderão dispor de folhas, cadernos, agendas, blocos, revistas, etc...* (DEB; 1997:69). Esta aproximação à escrita é também, para nós, fundamental.

Assim, os educadores ajudam, ou seja, estimulam a aprendizagem da leitura, pois faz parte dos seus objectivos promover este contacto com a escrita o mais cedo possível. Estes estímulos, e as vivências deles decorrentes, são ainda mais importantes, pois segundo Marques, *as crianças com melhor desempenho na leitura e escrita são as que tiveram muitas experiências com a escrita durante os primeiros anos de vida*. (2002:43).

Supõe-se então que, no final do Ensino Pré-Escolar, as crianças tenham tomado consciência das diferentes funções da escrita, bem como da sua relação com o código oral. Aquilo que procuraremos nesta investigação é atingir este objectivo a partir de propostas de actividades motivantes e motivadoras, bem

como verificar o caminho necessário para o atingir.

1.3. Atitude do Educador face às Orientações Curriculares

A atitude do Educador perante as Orientações Curriculares é de grande importância. Trata-se afinal de um papel com muita responsabilidade, pois cabe ao Educador orientar a sua Prática Pedagógica tendo em conta os objectivos gerais enunciados na Lei Quadro da Educação Pré-Escolar, que são *um conjunto de princípios para apoiar o Educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças* (DEB; 1997:13), contribuindo assim para promover uma melhoria da qualidade da Educação Pré-Escolar.

No nosso caso, e antes de desenvolvermos as actividades, achámos conveniente recorrer às orientações curriculares, fazendo uma leitura mais aprofundada das áreas de conteúdo, nomeadamente na área de Expressões/ Comunicação que compreende três domínios: o domínio das expressões, o domínio da linguagem e a abordagem à escrita. Dentro do domínio da linguagem e abordagem à escrita, não podemos esquecer a importância do conceito de “leitura”. As orientações curriculares, a este respeito, afirmam que *a decifração do texto escrito cabe ao educador, há formas de “leitura” que podem ser realizados pelas crianças como interpretar imagens ou gravuras de um livro, ou qualquer outro texto, descrever gravuras, inventar pequenas legendas, organizar sequências...* (DEB;1997:71). Este aspecto é de importância central, já que se este conceito de leitura¹ não for compreendido pelo educador, todo o processo pode entrar em ruptura.

1 - O conceito de leitura, a que nos referimos aqui, aparece de forma muito explícita em Sim-Sim (1999). Fundamentalmente, há duas ideias-base que devem ser consideradas: 1. por leitura deve entender-se mais do que a simples tradução letra-som. Deve preocupar-se muito mais com o *reconhecimento visual de palavras e possibilitando um rápido acesso à compreensão do texto.* (Sim-Sim; 1999: 27) 2. a segunda ideia, deriva da primeira: se ler é principalmente a compreensão, então há que ajudar as crianças a desenvolver esta competência, já no período pré-escolar. Para isso, é preciso que os educadores entendam este conceito de leitura. Caso contrário, limitam-se a deixar essa tarefa para o professor do 1.º Ciclo, esquecendo que quando as crianças chegam ao 1.º ciclo, já podem identificar até 60% das palavras escritas. A este respeito, vejam-se Ferreiro & Palacio (1990) e Bento (1991).

2. A Motivação

2.1. Estratégias de motivação para a leitura: a dramatização

As práticas de leitura no Jardim-de-infância não se devem limitar só a contar histórias. O mais importante é o contacto com o livro, seguindo-se uma leitura da história do livro. Isto permitirá à criança um acesso gradual ao mundo da escrita. Segundo Albuquerque, *parecem-me procedimentos louváveis para aumentar a adesão afectiva da criança, que se encontra em fase de iniciação à leitura e à escrita* (2000:27). O educador além de contar e ler histórias, pode ainda incentivar a criança a contar e a dramatizar. Parece-nos muito importante o envolvimento das crianças, já que, segundo Marques *a discussão das histórias e a criação dramática são tão necessárias como permitir que elas brinquem com materiais transformáveis*. (1988:67). Todas as estratégias utilizadas na sala, nomeadamente a utilização da dramatização através do fantoche, das sombras chinesas, do teatro e das máscaras podem facilitar o acesso ao livro, já que *a necessidade de dramatização das situações em geral, é uma componente de identificação afectiva do pequeno ouvinte com a história narrada*. (ALBUQUERQUE; 2000:34).

3. A Criança e a expressão dramática

Dramatização é Vida...

(Aladir S. Lopes, 1982:12)

A Expressão Dramática dá à criança um melhor conhecimento de si. Destacamos aqui o plano intelectual, onde a Expressão Dramática desenvolve e estimula a imaginação e a criatividade e ainda provoca e explora as percepções. No plano afectivo, a Expressão Dramática permite utilizar a energia libertada pelas emoções, ao mesmo tempo que controla as reacções emotivas. No plano físico, utiliza e coordena a actividade motora da criança e exterioriza e harmoniza as relações sensório-motoras. Em relação ao conhecimento do Outro, a Expressão Dramática exercita a comunicação com o Outro, desenvolve capacidades de relação, afina e precisa capacidades da criança enquanto emissor, levando-a à consciencialização das relações entre emissor e receptor. Dentro do conhecimento

do meio, a Expressão Dramática exercita as relações espaço – temporais através da aquisição da noção do tempo e assimilação do mundo. Segundo Leenhardt, vários autores preferem *ver na prática da Expressão Dramática um suporte privilegiado da imaginação e deste modo, de todas as formas de expressão artística, desenho, música, escrita do que uma aquisição de técnicas de expressão através da actividade teatral* (1974:19). A Expressão Dramática espontânea é muito importante. Desde pequenina que a criança representa cenas do quotidiano, imitando os pais, nomeadamente os seus gestos, as suas emoções. Além disso, imita os animais que conhece. Muitas vezes brinca sozinha, e com os amigos. Resumindo, reproduz a vida, participa imaginando, e assumindo o papel que mais lhe agrada, solucionando os seus conflitos. Desta forma a criança será capaz de promover o seu desenvolvimento físico, intelectual, social e emocional.

3.1. Jogo Dramático/Jogo Elaborado

Ryngaert afirma que *o jogo dramático não está subordinado ao texto. Este é substituído pela palavra improvisada ou estabelecida a partir dum guião. Em alguns casos, o jogo toca tanto os momentos contingentes que acompanham o texto, a produção de sinais visuais e sonoras inscritas num espaço determinada, como a elaboração deste.* (1981:34). Também Faure explica que *nos jogos dramáticos, a criança durante a improvisação intervém – com o corpo, com a palavra, com a sua timidez, com a sua sensibilidade, com as suas recordações e os seus sonhos.* (1982:10). O Jogo Elaborado, como próprio nome indica, é um tipo de jogo dirigido, tendo sido definido um ponto de partida para o jogo dramático, nomeadamente a história, ideia, aspecto, personagem, canção, dança. Além disso define uma sequência de acções, organiza o material em função do projecto elaborado e constrói cenários e adereços. Nesta actividade, o Educador desempenha um papel muito importante, ao observar e compreender a evolução da criança e encorajar a forma de expressão que lhe parece facilitar o seu desenvolvimento.

3.2. Formas de expressão dramática

Os instrumentos de suporte e básicos da Expressão Dramática são o corpo e a voz. Contudo, a criança, para além destes, utiliza outras formas de expressão, como por exemplo: o jogo dramático, a dramatização, os fantoches, o teatro, as máscaras e sombras chinesas².

3.3. O contributo da expressão dramática no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da criança

Todo o educador terá como preocupação criar um ambiente harmonioso para que a criança se sinta feliz no Jardim-de-infância que frequenta. Deve incentivar-se e favorecer-se a imitação de cenas da vida quotidiana, nomeadamente,

2 - O Jogo Dramático

Vai permitir à criança adquirir o domínio da comunicação através de uma relação lúdica com a sua realidade e a dos outros.

- A Dramatização

A criança participa, como instrumento próprio da dramatização. Obedece a regras tais como: espontaneidade e domínio. O educador é responsável pela qualidade do trabalho da criança já que esta necessita de uma preparação progressiva.

- Os Fantoches

Com o *fantoches podemos trabalhar com a criança ao nível da linguagem desenvolvendo a expressão oral ou a prática da escrita.* (BASTOS, 1999:2 34) Esta técnica de representação faz com que a criança entre em contacto íntimo com o boneco. Desta forma, descarrega frustrações e diálogos, tensões e afectividade. Esta actividade permite um alargamento da linguagem da criança através do diálogo com os bonecos, dos gestos, da voz, do movimento.

- As Máscaras

O uso de máscaras insere-se neste Projecto de Investigação e de Intervenção porque são as máscaras, desde há muito, o símbolo da própria arte de representar. O uso destas permite o desenvolvimento da imaginação, criatividade e a capacidade de assumir o papel do Outro.

- As Sombras Chinesas

Trata-se da representação de silhuetas de objectos, de animais ou de seres humanos, criados com o próprio corpo, fortemente iluminado, por detrás de um foco luminoso. Através desta representação, a criança espontaneamente fantasia, desinibe-se, cria sonhos, personagens, jogos dramáticos. Pode dar-se vida a histórias, ou inventar histórias, combinando diferentes finais. E só tem sentido se é visto por outras crianças. A criança que representa escolhe a sua personagem, que ouviu de uma história ou que inventou, e desempenha os papéis com gestos, aumentando o domínio de si própria.

- O Teatro

Bastos refere que *a ida ao teatro solicita um conjunto de atitudes, primeiro por parte de professores e educadores, no sentido de, mais de que um ritual a cumprir anualmente, constituir uma verdadeira sensibilização à linguagem teatral* (1999:235). Isto é muito importante porque proporciona na criança um contacto prévio com esta forma de expressão.

brincar às mães, aos médicos, aos professores, e animais..., isso é, ajudar a criança a experimentar a vida através do processo imaginativo do jogo dramático. É nesta fase de desenvolvimento (cinco/seis anos de idade) que se entrelaçam as diferentes expressões: Corporal, Plástica, Musical e Dramática. Como tal, devemos proporcionar à criança jogos e situações de jogo dramático, desencadeando nela um desenvolvimento não só de relacionamento, vivência do real, descoberta do outro, mas também procurar, através da Expressão Dramática, a exteriorização das suas acções e sentimentos. Além disso, também a Motivação para a Leitura pode (e deve) ser explorada e desenvolvida nesta fase.

Parte II

4. Metodologia e Análise dos dados

4.1. Grelha de Observação

Como forma de recolha de informação, optámos por construir grelhas de observação que nos permitissem analisar e compreender melhor até que ponto as crianças demonstram uma maior motivação para a leitura, à medida que avançamos com as actividades³. Para atingir este objectivo, resolvemos analisar, em cada actividade, quatro categorias de informação: a) atitudes em relação à história; b) comportamento ao longo da actividade; c) sinais de motivação; e d) sinais de reconhecimento da escrita. Com estas categorias, tentamos perceber se o contacto com a dramatização e todo o processo envolvente conduz, ou não, as crianças a um maior reconhecimento da escrita e a uma maior motivação para a leitura.

3 - As actividades desenvolvidas neste projecto foram: 1. O flautista de *Hamelin* (dramatização); 2. Brincar com as Máscaras (elaboração de máscaras e criação de história); 3. Vamos ao Teatro! "A Quadrilha do Kid Labaredas, planeia o ataque à Floresta" (ida ao teatro); 4. "Uma História em Botão" (leitura, interpretação, dramatização e construção de histórias); 5. Brincar com Fantoques – História "Uma Aventura Na Primavera"; 6. Brincar com Sombras Chinesas - História "A Formiga e a Neve".

4.2. Actividades Desenvolvidas

Este projecto desenvolveu-se no Jardim-de-infância, com um grupo de vinte e uma crianças entre os cinco e seis anos de idade. Tivemos como objectivo pôr em prática uma sequência de actividades, bem como a definição dos objectivos propostos. Ao Educador coube a tarefa de organizar, da forma mais adequada as actividades. Constatámos, em contacto com o grupo, que havia um défice de motivação para a leitura. Com base na nossa experiência, queremos verificar se a Expressão Dramática pode contribuir para ultrapassar este problema. Por isso, mantemos, desde o início desta investigação, alguns objectivos, tais como:

- Proporcionar uma melhoria da motivação para a leitura nos alunos em Educação Pré-Escolar;
- Desenvolver capacidades de leitura e escrita nos alunos em Educação Pré-Escolar;
- Consciencializar os Educadores na procura de estratégias de motivação para a leitura;

Segue-se agora uma interpretação de uma das actividades desenvolvidas⁴.

A primeira actividade consistiu na dramatização da história “O Flautista de *Hamelin*”. Esta actividade foi dividida em oito momentos, que consistiram na leitura da história em duas versões, no reconto da história pelas crianças e o registo em desenho, na preparação da dramatização (que envolveu a preparação dos adereços e treino da própria dramatização na sala) e na dramatização final integrada no desfile de Carnaval.

Em relação às atitudes manifestadas pelas crianças em relação à história verificamos que as crianças preferiram ouvir a versão da história mais pormenorizada. Ainda assim, aparentemente, apreciaram mais o final da história mais simples. Este gosto pela história com mais pormenores terá a ver com o facto de estarmos a lidar com crianças de cinco/seis anos na fase de preparação para a entrada na escolaridade do 1º Ciclo. Esta actividade demonstrou que

4 - Por limitação de espaço, não reproduzimos, aqui, a análise a todas as actividades. Essa análise mais detalhada, bem como outros materiais utilizados, podem ser encontrados em <http://www.ipg.pt/user/~ricardojrge41>.

havia algum interesse pela leitura. Como prova disso, temos o facto de as crianças terem escutado com atenção, especialmente achando piada a alguns pormenores, embora essa atenção se tenha perdido na segunda leitura.

Em termos de reconhecimento da escrita, nesta fase da actividade os sinais foram poucos. Ainda assim foi possível comparar os títulos das duas histórias lidas, tendo as crianças descoberto que as letras e as palavras eram iguais.

Na sequência da nossa actividade foi feito um reconto da história. As atitudes das crianças mudaram, todas quiseram participar e manifestaram mais interesse. Isto levou à criação de um texto oral, pelas crianças, e escrito pela Educadora. Foram claros os sinais de reconhecimento da escrita e de reconhecimento da relação entre o registo oral e o registo escrito. Para enriquecer ainda mais esta aproximação, decidimos fazer o registo em desenho, actividade em que as crianças demonstraram um grande entusiasmo, registando quase todos os pormenores. Os sinais de motivação para a leitura, que buscávamos, começaram a notar-se porque as crianças procuravam, no cantinho da leitura, por iniciativa própria, a história feita por eles. Este caminho até à dramatização final dava já sinais de motivar para a leitura, mas quisemos, com a preparação da dramatização, envolver mais as crianças. Os sinais que pudemos verificar nesta fase têm a ver com a ideia de que a história se torna mais real à medida que se confeccionam os adereços e à medida em que as crianças improvisam a própria história.

A motivação pode ainda ser verificada não só porque as crianças se entusiasmaram muito com a caracterização das personagens, mas também porque continuaram a procurar o livro no cantinho da leitura, porque imitaram várias vezes cenas da história por iniciativa própria e porque passaram a usar expressões retiradas da história. No que diz respeito ao reconhecimento da escrita, pudemos observar que as crianças verificavam no livro a sequência da história, observando ao mesmo tempo o registo escrito. Foi importante a improvisação da história na sala, pois contribuiu muito para a aproximação à história escrita.

Como referimos anteriormente esta actividade levou a uma dramatização completa da história integrada no desfile de Carnaval. Se ao longo da preparação

os sinais de motivação e as atitudes eram já bastantes, aqui podemos observar o empenho com que as crianças realizaram a tarefa. Sendo o nosso objectivo perceber até que ponto a dramatização levava à motivação para a leitura, foram para nós muito relevantes os comportamentos das crianças depois desta actividade. Realçamos a vontade de imitar vários aspectos da história, e a contínua procura da história. Podemos assim dizer que o enriquecimento das crianças foi grande em áreas como a Expressão Dramática, Expressão Musical, Expressão Corporal, e Expressão Plástica, o que vêm demonstrar que o uso da dramatização permite, como já referimos neste trabalho, um envolvimento harmonioso em todas as áreas.

Concluimos a interpretação desta actividade afirmando e demonstrando a importância da expressão dramática na motivação para a leitura.

4.3. Questionário aos Encarregados de Educação

A amostra é constituída por vinte Encarregados de Educação⁵. Trata-se de responsáveis por crianças que frequentam a sala dos cinco anos do Jardim-de-infância Casa D. João de Oliveira Matos. O nosso objectivo passa por verificar até que ponto os encarregados de educação estão, ou não motivados para as actividades de leitura das suas crianças. Procuramos também perceber se haveria indícios de hábitos de leitura em casa, e se estes provocam algumas alterações na motivação destas crianças.

O questionário começou por questionar os encarregados de educação sobre a presença de livros em casa. 100% afirma que sim. Logo a seguir procurámos saber a quantidade de livros que tinham em casa. Verificámos que quase metade (45%) não ultrapassa os 20 livros e apenas 20% tem mais de 80 livros. Podemos apontar em relação ao tipo, que a maioria dos livros presentes em casa são

5 - Podemos verificar que a maioria dos encarregados de educação se situa na faixa dos 31 – 40 anos, com 80% dos pais e 71% das mães, respectivamente. Nos casos em que os encarregados de educação (principalmente as mães) fizeram um percurso escolar longo, verifica-se que há mais motivação para a leitura e para as actividades que lhe estão associadas. Quanto às profissões, podemos verificar que há uma grande diversidade. Esta pode ser entendida como boa, pelas oportunidades que a vila de Celorico da Beira oferece. Ainda assim, a maioria das mães trabalha em fábricas, o que limita actividades relacionadas com a leitura.

para crianças. Este dado mostra-nos que há alguns sinais de que os pais dão importância à leitura e ao contacto precoce com os livros. Também verificámos que 85% dos Encarregados de Educação têm o hábito de comprar livros e 80% afirma ter o hábito de ler. Assim, com pais com hábitos de leitura, é mais fácil encontrar os filhos motivados. Ainda assim, consideramos que encarregados de educação com menos escolaridade e com profissões desgastantes poderão não ter hábitos de leitura. Outro dado relevante é a percentagem de 100% de respostas afirmativas à questão “Tem livros para crianças em sua casa?”. Isto vem denotar uma preocupação em ter livros adequados à idade da criança, importantíssimos desde os primeiros anos de vida. Para completar esta informação, podemos verificar que metade dos lares tem entre 20 a 50 livros para crianças, o que também não deixa de ser surpreendente. A seguir verificamos até que ponto os pais têm ou não consciência das “leituras” que os seus filhos fazem. As respostas demonstram que 79% estão consciencializados para a importância da leitura nesta fase de desenvolvimento da criança. Podemos também confirmar que 90% dos encarregados de educação afirma que tem o hábito de ler histórias aos seus filhos. Na sequência desta informação, pretendemos saber em que circunstâncias costumam ler histórias aos seus filhos e verificamos que 82% dos pais “costuma ler histórias na cama, antes de adormecer”. Isso leva-nos a questionar se esta leitura serve para motivar a criança para a leitura ou apenas para ajudar as crianças a adormecer. Já no que diz respeito à forma como a leitura da história é feita, podemos verificar o uso de entoações, comentários sobre a sequência das imagens e algumas dramatizações, facilitando a comunicação e motivando para a leitura.

A última parte do questionário tinha a ver com a compra de livros. Feita a análise aos dados, percebe-se que o maravilhoso continua a ser procurado para estas idades, comprovando que a nossa escolha para as actividades desenvolvidas está de acordo com estes hábitos de leitura. A seguir a esta questão procurámos saber o porquê de não se comprarem mais livros para crianças. 70% dos encarregados de educação afirma que o preço é uma preocupação e investir em livros não é uma prioridade.

Como se sabe, o grande objectivo deste trabalho é perceber a ligação entre o uso de estratégias de dramatização e a motivação para a leitura. Assim, também

quisemos saber se os pais têm o hábito de levar os seus filhos ao teatro, visto ser o lugar por excelência de dramatização. 90% afirma não levar, sendo a razão mais apontada, o facto de estes eventos estarem fora do alcance dos pais, quer em termos geográficos, quer em termos financeiros. Para concluir notamos, da parte dos encarregados de educação, algumas preocupações, dando importância às actividades de leitura e ao contacto com livros para um bom desenvolvimento das suas crianças. Mas também algumas dificuldades devido à situação geográfica da vila. Mesmo assim, notam-se algumas condições para desenvolver hábitos de leitura: o meio e a família não podem ser uma desculpa.

4.4. Questionário aos Educadores de Infância

A amostra é constituída por vinte educadores de infância⁶ do distrito da Guarda. Este questionário serviu para verificar as representações que os educadores de infância fazem dos conceitos de leitura, dramatização e o lugar que lhes dão nas suas actividades diárias. A primeira parte está relacionada com o conceito de leitura na Educação Pré-Escolar. Pudemos verificar que a pré-leitura, ou seja, a leitura de histórias por imagens e símbolos, é a actividade mais frequente entre educadores, sendo seguida pelo reconhecimento de letras e pela expressão oral. Ainda assim, parece-nos que este conceito (leitura) aparece pouco definido nas representações dos Educadores. Em seguida, procurámos perceber quais as actividades de dramatização mais usadas na Educação Pré-Escolar, e verificámos que algumas das mais referidas foram as sombras chinesas e o “faz de conta”. O “faz de conta” surge como uma actividade espontânea de dramatização e as sombras chinesas como novidade tanto para as crianças como para os educadores.

Procurámos saber se existiam espaços próprios para estas actividades e verificámos que a maioria dos espaços eram dedicados à leitura. Daqui podemos concluir que leitura e dramatização não aparecem em simultâneo, motivo de

6 - Quanto à idade, verificamos que 65% dos educadores se situa entre os 31 e os 40 anos, registando essa maioria entre 10 e 20 anos de tempo de serviço profissional. Isto é relevante porque a formação inicial vai mudando e a idade condiciona a mudança de hábitos.

preocupação em relação ao nosso objectivo proposto inicialmente.

Podemos ainda verificar que a maioria dos educadores conhece, ou já leu, as orientações curriculares, mas há ainda uma pequena percentagem que não tem qualquer informação sobre o assunto. Esta falta de conhecimento ajuda a explicar a falta de definição de algumas noções, como leitura, escrita e dramatização, adormecidas há algum tempo. Quanto à importância da expressão dramática, verificamos que esta tem a ver sobretudo com a motivação da criança para a leitura. Indo ao encontro do nosso objectivo inicial, também verificamos que os Jardins-de-infância estão equipados para as actividades de Expressão Dramática, embora apenas razoavelmente. Confirmamos, através da experiência dos outros educadores, que as crianças, após actividades de leitura, e depois das actividades de dramatização, procuravam o cantinho da leitura. No que diz respeito à utilização de técnicas ligadas à expressão dramática, a maioria dos educadores afirma usar várias vezes esta estratégia, embora não se refira o modo. O uso de actividades de dramatização (Jogo Dramático, Dramatização e Teatro) aparece nas orientações curriculares. Por isso, não é de admirar que estas actividades apareçam indicadas pelos educadores. Verificamos ainda que a principal finalidade do uso da expressão dramática, em relação com a leitura, e na opinião dos Educadores, parece ser o desenvolvimento da capacidade de compreensão. Na verdade, embora um pouco contraditoriamente, os educadores afirmam maioritariamente que a expressão dramática desenvolve as capacidades de leitura e escrita.

Podemos concluir através dos dados obtidos junto das Educadoras duas ideias-base:

- a) Os Educadores não têm bem definido, o conceito de leitura na educação pré-escolar, pelo que a adequação das actividades planificadas pode não ser a melhor.
- b) Há uma relação bastante clara entre expressão dramática e a motivação para a leitura.

Conclusão

Partimos para este Projecto de Intervenção com algumas ideias sobre a relação que poderia ser estabelecida entre o uso da Expressão Dramática e a Motivação para a Leitura.

Desde cedo, com a revisão da bibliografia e das orientações curriculares, começámos a perceber que haveria uma relação directa entre estes dois factores. Essa ideia veio a confirmar-se de forma mais definitiva à medida que fomos desenvolvendo as actividades propostas. Ficava claro que as crianças se motivavam para a leitura através destas actividades de dramatização. Embora não referidas aqui, por falta de espaço, observámos, na sequência das actividades desenvolvidas, muitas manifestações que nos levam a supor que a motivação para a leitura é conseguida de forma intensa e interessante através do uso da dramatização. A título de exemplo, referimos apenas algumas: a criação e recriação espontânea de histórias e anedotas, a partir das leituras feitas; a dramatização espontânea das mesmas; um enorme interesse provocado pela possibilidade de contribuir na construção da história; a imitação espontânea de personagens; a solicitação constante de novas leituras e do contacto com o livro; a facilidade no reconhecimento e até uso da palavra escrita, de tal forma que houve mesmo a possibilidade de chegar à criação de um pequeno dicionário. São, no nosso entender, manifestações mais do que suficientes para comprovar a veracidade da nossa proposição: a dramatização influencia a motivação para a leitura.

Numa tentativa de confirmar estes resultados, procurámos, junto de outros educadores, através dos questionários, perceber qual a imagem que tinham desta estratégia, bem como as condições para pôr em prática. Assim concluímos que o uso da expressão dramática, nas suas variadas técnicas, é de facto uma estratégia que promove a motivação para a leitura.

Para finalizar diríamos que acreditamos no poder que a expressão dramática desempenha como apelo à expressão, ao conhecimento do outro, à inter-relação com o imaginário, à criatividade e à confiança em si. Além disso a leitura surge-nos tão naturalmente em todos os contextos, que seria uma pena não utilizar esta estratégia para atingir um objectivo tão importante.

Bibliografia

- Albuquerque, Fátima. (2000). *A hora do conto. Reflexão sobre a arte de contar histórias na escola*. Lisboa: Teorema.
- Bastos, Glória. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bento, Joaquim R. (1997). “A génese da aprendizagem da língua escrita”. In *Millenium*. N.º 8, Outubro de 1997. Viseu: Instituto Politécnico de Viseu.
- Browning, Robert. (1993). *Os mais belos contos do mundo*. Braga: Editora do Minho.
- Calvet, M. (s/d). *A Criança e o Teatro*. Ministério da Educação Nacional.
- Caravela, Nuno Miguel. (1999). *Uma Aventura na Primavera*. Lisboa: Editora de Livros.
- Costa, L. & Baganha, F. (s/d). *O Fantoche que ajuda a Crescer*. Lisboa: Edições Asa.
- DEB. (1997). *ORIENTAÇÕES CURRICULARES para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Faure, Gérard & Lascar, Serge. (1982). *O jogo dramático na escola primária*. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa.
- Ferreiro, Emília & Palacio, Margarita Gomes. (1990). *Os processos de leitura e escrita – novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Guimarães, Maria Alice & COSTA, Alves Isabel. (1986). *Eu Era a Mãe*. Algueirão: Editorial M.E.C.
- Gomes, Madalena. (1982). *Uma História em Botão*. Lisboa: Plátano Editora.
- Leenhardt, Pierre. (1974). *A criança e a Expressão Dramática*. 3.ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa.
- Lopes, Aladir Santos. (1982). *Jogos Dramáticos*. Rio de Janeiro: PluarTE Editora.
- Lopes, A. Cunha. (s/d). *A derrota do Kid Labaredas*. Peça de Teatro infantil. ACEL.
- Marques, Ramiro. (1988). *A Prática Pedagógica no Jardim-de-infância*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, Ramiro. (2002). *Ensino a Ler, aprender a ler - Um guia para pais e educadores*. 9.ª Edição. Lisboa: Texto Editora.

Ryngaert, Jean-Pierre. (1981). *O Jogo Dramático no Meio Escolar*. Coimbra: Centelha.

Sim-Sim, Inês. (1999). *A língua materna na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.

Torrado, António. (1982). *A Formiga e a Neve*. Lisboa: Plátano Editora.

Legislação

Lei-quadro da Educação Pré-Escolar: *Lei n.º 5/97, de 19 de Fevereiro*.

